



# O LIBERAL

**LIBERAL**AMAZON

## Abrindo caminhos para desenvolver a Amazônia

Especialistas e autoridades apostam no maior conhecimento das riquezas da região como meio para garantir desenvolvimento com geração de renda. **CIDADES, 6 A 11.**

**CASAMENTOS EM CRISE**

# DIVÓRCIOS DISPARAM NO PERÍODO DE PANDEMIA

Número de divórcios realizados em 2020 no país foi o maior da história, com 43,8 mil registros. O crescimento foi de 15%, enquanto a média anual era de 2%. No Pará, separações oficiais triplicaram em dez anos. **CIDADES, 13.**

**ARMADILHAS**

## Jovens são alvos mais frequentes de golpes digitais

País já registra 2 milhões de ataques fraudulentos. Crescimento verificado entre pessoas de até 25 anos foi de 19,3%. **POLÍTICA, 5.**

## ELIMINATÓRIAS Brasil encara Argentina em clima de revanche

**ESPORTE, 6 E 7.**

## Saltando alto para realizar sonhos

Paraenses dão primeiros passos em carreira olímpica e vão disputar campeonato nacional. Morador da Vila da Barca, Jhonata Silva (à dir) é promessa de bons resultados. **ESPORTE, 11.**

**APLICATIVO**

Quick garante 90% do valor da corrida para os motoristas

Alta da gasolina faz profissionais buscarem melhores alternativas para aumento da renda. **POLÍTICA, 3.**

**ARTIGO**

## Amazônia não é o “zoológico do mundo”, diz Mourão

Vice-presidente afirma que governo busca corrigir erros da gestão passada. **CIDADES, 2.**

**ENCARTE**

## Especial mostra força da produção de açaí no Pará



**NESTA EDIÇÃO**  
74 páginas em  
6 cadernos mais encarte

CIDADES .....18  
POLÍTICA .....16  
CULTURA .....8  
ESPORTE .....12  
ENCARTE .....8

**CLASSIFICADOS**  
12 PÁGINAS

**703**  
OPORTUNIDADES



**GRUPO LIBERAL**

ISSN 1678-9075



9 771678 907021

LIBERAL **AMAZON**

CINCO DE SETEMBRO

# AMAZÔNIA: SOLUÇÕES PARA REPENSAR O FUTURO

**RIQUEZA** - Região tem como desafio conciliar desenvolvimento com melhoria de qualidade de vida de seus povos, avaliam políticos, estudiosos e autoridades





## Amazon: solutions to rethink the future



**RICHNESS** - Region has the challenge of conciliate development along with better quality of live of its people, say politicians, researchers and government members

TEXT BY **DILSON PIMENTEL AND JOÃO PAULO JUSSARA**

**T**he Amazon biome covers an area of almost 7 million square kilometers, distributed over the territories of nine South American countries: Bolivia, Brazil, Colombia, Ecuador, French Guyana, Paraguay, Peru, Suriname, and Venezuela. Most of it, about 60%, is in Brazilian territory. The grandeur and exuberance of the Amazon's natural riches, however, contrast with the region's serious and historic social and environmental problems. In Brazil, the concept of the Legal Amazon was instituted back in 1953, as a way to plan the region's social and economic development. The Brazilian Legal Amazon covers 59% of the national territory, encompassing the states of Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins and part of Maranhão: there are 5 million square kilometers, which in 2020 already sheltered 28.1 million inhabitants - 13% of the entire national population, despite the low demographic density, of 5.6 inhabitants per square kilometer. Data from Ipea summarizes the challenge: the nine states that make up the Amazon region have a Municipal Human Development Index (HDI) below 0.750, a number lower than the HDI of the rest of Brazil, which is 0.778. This September 5th, Amazon Day, is also the moment to rethink the region's historic challenge: to reconcile development with guarantees of wealth and improved quality of life for its populations.

**The Amazon biome covers an area of 7 million km<sup>2</sup>, distributed over the territories of nine South American countries**

**DILSON PIMENTEL E  
JOÃO PAULO JUSSARA**  
DA REDAÇÃO

**O** bioma amazônico possui uma área de quase 7 milhões de quilômetros quadrados, distribuídos nos territórios de nove países da América do Sul: Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Paraguai, Peru, Suriname e Venezuela. A maior parte, cerca de 60%, está em território brasileiro. A grandiosidade e a exuberância das riquezas naturais da Amazônia, porém, contrastam com os graves e históricos problemas sociais e ambientais da região. No Brasil, foi instituído, ainda

em 1953, o conceito de Amazônia Legal, como forma de planejar o desenvolvimento social e econômico da região. A Amazônia Legal brasileira cobre 59% do território nacional, abrangendo os estados do Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins e parte do Maranhão: são 5 milhões de quilômetros quadrados, que em 2020 já abrigavam

28,1 milhões de habitantes - 13% de toda a população nacional, apesar da baixa densidade demográfica, de 5,6 habitantes por quilômetro quadrado. Dados do Ipea resumem o desafio: os nove estados que compõem a região amazônica têm Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) abaixo dos 0,750, número inferior ao IDHM do restante do Brasil, que é de 0,778.

Neste 5 de setembro, Dia da Amazônia, é também momento de repensar o desafio histórico da região: conciliar o desenvolvimento com garantias de riqueza e melhoria de qualidade de vida a suas populações.

**O bioma amazônico possui área de 7 milhões de km<sup>2</sup>, distribuídos nos territórios de nove países da América do Sul**

DIVULGAÇÃO

## Modelo imposto de fora para dentro

O vice-presidente da República, Hamilton Mourão, já afirmou que o progresso do País passa, diretamente, pelo desenvolvimento da Amazônia. “E desenvolver, no século 21, tem que ser planejado e consolidado dentro da visão de sustentabilidade, de preservação efetiva do meio ambiente, do uso dos produtos da floresta e, obviamente, em entender que a Amazônia, apesar da vastidão do seu território, jamais terá uma ocupação enorme, como ocorre no Centro-Sul do Brasil”, disse Mourão, em entrevista ao Grupo Liberal. “A partir do momento em que se entende essas diferenças, temos que buscar soluções. E essas soluções têm que ser contínuas”, afirmou ele, que preside o Conselho Nacional da Amazônia Legal - cuja missão é proteger, preservar e, principalmente, desenvolver a região.

“O maior desafio da Amazônia é superar um modelo de desenvolvimento historicamente imposto de fora para dentro, baseado em fazer a região funcionar como um grande almoxarifado do desenvolvimento nacional e internacional, um fornecedor de matérias-primas, energia e via de passagem para o crescimento econômico e social do País”, avalia o secretário de Meio Ambiente e Sustentabilidade do Pará, Mauro O’ de Almeida.

O titular ressalta que a Amazônia e, especialmente o Pará, sofrem com uma grande contradição: “O Pará é historicamente um estado superavitário, isto é, gera mais receitas do que despesas ao País, e colabora decisivamente com sua balança comercial. Por outro lado, enfrenta uma estatística cruel. Dos mais de 5.500 municípios de todo o Brasil, o Pará, sozinho, tem oito entre os 22 municípios com menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do País”, ressalta o secretário, lembrando que 44% da população paraense vive abaixo da linha da pobreza.

“Isto nos mostra que, para que a região reverta o quadro de profunda desigualdade, a questão ambiental apenas logrará efetivo êxito se houver uma atenção sistematizada para o cuidado às 26 milhões de pessoas que vivem na Amazônia, 9 milhões delas no Pará. Na sua escala mais alta, o desafio esbarra no modo como o Brasil enxerga a Amazônia, a começar do Pacto Federativo”, avalia.

Para Mauro O’ de Almeida, o caminho para um futuro sustentável é o estímulo a uma reeducação individual e da coletividade sobre o que de fato é desenvolvimento. “Desenvolvimento humano não pode ser confundido com



**Nem todo crescimento econômico representa desenvolvimento social, qualidade de vida, bem comum**

**MAURO O’ DE ALMEIDA**  
Secretário de Meio Ambiente do Pará

crescimento econômico. Nem todo crescimento econômico representa desenvolvimento social, qualidade de vida, bem comum. A história das últimas décadas no Pará mostra que o custo ambiental das grandes intervenções humanas não se traduziu em benefício social local”.

Presidente da Comissão de Integração Nacional, Desenvolvimento Regional e da Amazônia (Cindra), o deputado federal Cristiano Vale (PL/PA) afirma que, apesar de todas as dificuldades históricas, atualmente a Amazônia reúne todas as condições para ficar em pé de igualdade ou até superar outras regiões mais desenvolvidas, inclusive a médio prazo. “Possuímos um bioma único no planeta. Temos solo rico em minério; sistema hídrico gigante, que possibilita estimular a agricultura, pecuária, abastecimento e geração de energia, e uma extensão territorial continental. Se a nossa Amazônia Legal fosse um país, seríamos o sexto maior do mundo”.

Como presidente da Cindra e representante do Estado mais populoso da Amazônia brasileira, um dos objetivos é levar a região a um patamar de desenvolvimento sustentável, através de políticas públicas viáveis e eficientes, com participação de governos, da iniciativa privada e toda a sociedade. “Estamos continuamente trabalhando, seja na realização de estudos, projetos e na proposição de leis e emendas e recursos para estruturar municípios e criar condições”.

Nesse sentido, o ex-ministro da Defesa, Aldo Rebelo, afirma que a Amazônia não pode continuar sendo a região mais rica em recursos naturais e biodiversidade, mas com os piores indicadores sociais. “A Amazônia já é hoje a maior produtora de cacau do Brasil. Agora, vamos exportar tudo? Por que não transformar, aproveitar a marca Amazônia, uma marca forte no mundo, para agregar valor ao que é produzido e extraído da Amazônia, não apenas na flora, na fruticultura, mas também na mineração?”, pondera Rebelo.



## Model imposed from the outside to the inside

The vice-president of Brazil, Hamilton Mourão, has already stated that the country’s progress goes directly through the development of the Amazon. “And development, in the 21st century, has to be planned and consolidated within the vision of sustainability, of effective preservation of the environment, of the use of forest products and, obviously, in understanding that the Amazon, despite the vastness of its territory, will never have an enormous occupation, as occurs in the Center-South of Brazil,” said Mourão, in an interview with Grupo Liberal. “From the moment that these differences are understood, we have to look for solutions. And these solutions have to be continuous,” he said, who presides over the National Council of the Legal Amazon - whose mission is to protect, preserve and, mainly, develop the region.

“The biggest challenge for the Amazon is to overcome a development model historically imposed from the outside, based on making the region function as a large warehouse for national and international development, a supplier of raw materials, energy and a way for the country’s economic and social growth,” assesses the Secretary of Environment and Sustainability of Pará, Mauro O’ de Almeida.

He points out that the Amazon, and Pará in particular, suffers from a major contradiction: “Pará is historically a surplus state, that is, it generates more revenue than it spends for the country, and contributes decisively to its trade balance. On the other hand, it faces a cruel statistic. Of the more than 5,500 municipalities in Brazil, Pará alone has eight among the 22 municipalities with the lowest Human Development Index (HDI) in the country,” says the secretary, noting that 44% of the population of Pará lives below the poverty line.

“This shows us that, for the region to reverse the deep inequality, the environmental issue will only succeed effectively if there is a systematized attention to the care for the 26 million people who live in the Amazon, 9 million of them in Pará. At its highest scale, the challenge is based on the way Brazil sees the Amazon, starting with the Federative Pact”, he assesses.

For Mauro O’ de Almeida, the path to a sustainable future is to stimulate individual and collective re-education about what development really is. “Human development cannot be confused with economic growth. Not all economic growth represents so-

cial development, quality of life, the common good. The history of the last decades in Pará shows that the environmental cost of major human interventions has not translated into local social benefit.”

President of the Commission for National Integration, Regional Development and the Amazon (Cindra), federal deputy Cristiano Vale (PL/PA) says that, despite all the historical difficulties, the Amazon currently has all the conditions to be on an equal footing or even surpass other more developed regions, even in the medium term. “We possess a unique biome on the planet. We have soil rich in minerals; a giant hydric system, which makes it possible to stimulate agriculture, cattle raising, supply and energy generation, and a continental territorial extension. If our Legal Amazon were a country, we would be the sixth largest in the world.

As president of Cindra and representative of the most populous state in the Brazilian Amazon, one of the objectives is to take the region to a level of sustainable development, through viable and efficient public policies, with the participation of governments, the private sector, and society as a whole. “We are continuously working, whether in carrying out studies, projects, proposing laws and amendments and resources to structure municipalities and create conditions”.

In this sense, the former Minister of Defense, Aldo Rebelo, affirms that the Amazon cannot continue being the richest region in natural resources and biodiversity, but with the worst social indicators. “The Amazon is already today the largest producer of cocoa in Brazil. Now, are we going to export everything? Why not transform, take advantage of the Amazon brand, a strong brand in the world, to add value to what is produced and extracted from the Amazon, not only in flora, in fruit growing, but also in mining?”, Rebelo ponders.



**Not all economic growth represents social development, quality of life, the common good.**

**MAURO O’ DE ALMEIDA**  
Pará Secretary State of the Environment



## Projetos para a Amazônia precisam valorizar a ciência e incluir os povos da região

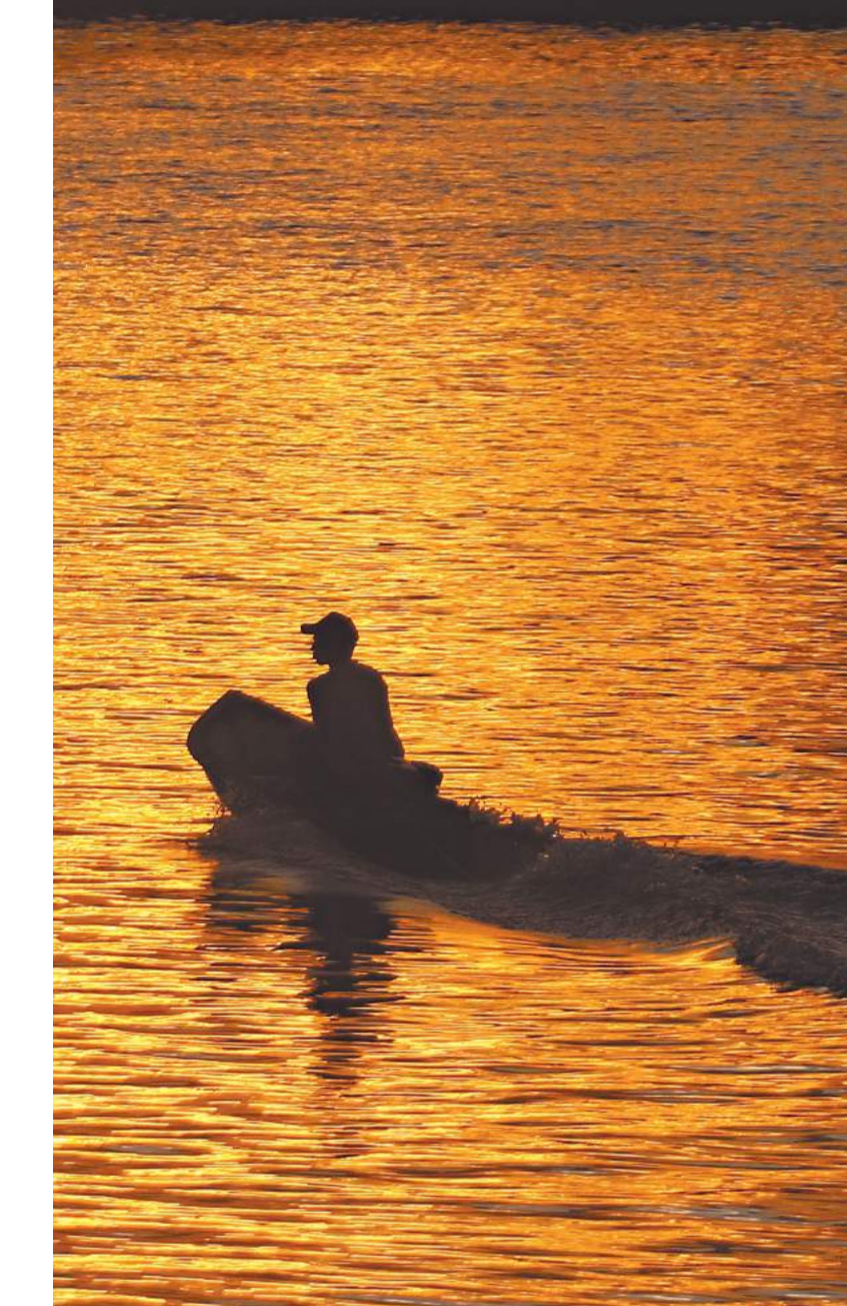
**A** Amazônia precisa de projetos de desenvolvimento que incluam os povos da região. É o que afirma o reitor da Universidade Federal do Pará (UFPA), Emmanuel Tourinho, citando as políticas sucessivas que formularam intervenções na região, sem ouvir as populações, ignorando a realidade da Amazônia, e que, ao fim e ao cabo, não geram riqueza e renda para os seus povos. “Precisamos de projetos de desenvolvimento construídos com protagonismo dos povos da Amazônia e com uma internalização dos benefícios desses projetos”.

Até hoje, afirma Tourinho, não há ainda projetos de desenvolvimento para a Amazônia que garantam um aproveitamento sustentável dos seus recursos naturais e desenvolvimento social. “Nós temos experimentado iniciativas que se traduzem por grandes projetos para gerar ativos energéticos e ambientais para outras regiões do País”.

Tourinho alerta: o problema é que, na região, a geração desses ativos energéticos e ambientais tem sido feita com um ônus para os povos da Amazônia. “Precisamos de projetos de desenvolvimento que sejam para a Amazônia, incluindo os povos da Amazônia. Ou seja, projetos que representem uma melhoria nas condições de vida da população da região”.

Tourinho ressalta os desafios impostos por indicadores regionais. “Temos o pior IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), o pior Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), analfabetismo alto. Temos a maior taxa de ocorrência de trabalho escravo. Temos a pior taxa de abastecimento de água nos domicílios e de rede de esgotamento sanitário. Então, os povos da Amazônia não aceitam mais que a região seja vista apenas como uma geradora de ativos energéticos e ambientais para terceiros”.

O reitor da UFPA destaca a contribuição da ciência em busca de soluções para esse quadro. “Estima-se que só 20% da biodiversidade da Amazônia é conhecida e a ciência pode nos dizer como aproveitar esta riqueza sem destruí-la. Para isso, precisamos, primeiro, conservar esta biodiversidade, que vem sendo dramaticamente ameaçada. É como se nós estivéssemos matando a galinha dos ovos de ouro, porque justamente aquilo que pode nos gerar tantos benefícios e ganhos vem sendo devastado”.



**Desenvolvimento deve ser construído com protagonismo dos povos da Amazônia e com uma internalização dos benefícios desses projetos**

Tourinho ressalta: “Temos uma grande capacidade científica instalada na região. Nossas universidades e institutos de pesquisas são competitivos internacionalmente, mas recebem poucos recursos e não realizam todo o seu potencial. Com o apoio devido, podemos criar condições para a conservação dos nossos recursos naturais e podemos desenvolver produtos de alto valor agregado. Com investimento em ciência e compromisso com as populações locais e com o meio ambiente, a Amazônia pode construir um novo e promissor ciclo de desenvolvimento”.



**Reitor da UFPA,**

Emmanuel Tourinho destaca a contribuição da ciência em busca de soluções

**UFPA's** rector, Emmanuel Tourinho highlights the contribution of science in the search for solutions

## Projects for the Amazon need to value science to include people from the region



**T**he Amazon needs development projects that include the people from the region. It is the statement of the Federal University of Pará (UFPA) Dean, Emmanuel Tourinho, citing the successive policies that constructed interventions in the region without hearing its population, ignoring Amazon's reality and, when push comes to shove, don't generate wealth and income to its people. “We need development projects built on the protagonism of the people from the Amazon and with an internalization of these project's benefits”.

Until today, says Tourinho, there are still no development projects for the Amazon that guarantee a sustainable use of its natural resources and social development. “We have been experimenting with initiatives that translate into large projects to generate energy and environmental assets for other regions of the country.”

Tourinho warns: the problem is that, in the region, the generation of these energy and environmental assets has been done at a cost to the peoples of the Amazon. “We need development projects that are for the Amazon, including the peoples of the Amazon. In other words, projects that represent an improvement in the living conditions of the region's population”.

Tourinho highlights the challenges imposed by regional indicators. “We have the worst HDI (Human Development Index), the worst Ideb (Basic Education Development Index, in Brazil), and high illiteracy. We have the highest rate of occurrence of slave labor. We have the worst rate of water supply in households and of the sanitary sewage network. So, the peoples of the Amazon no longer accept that the region is seen only as a generator of energy and environmental assets for third parties”.

The Dean of UFPA highlights the contribution of science in the search for solutions to this situation. “It is estimated that only 20% of the Amazon's biodiversity is known and science can tell us how to take advantage of this wealth without destroying it. For that, we need, first, to conserve this biodiversity, which has been dramatically threatened. It is as if we were killing the chicken that laid the golden eggs, because precisely what can generate so many benefits and gains for us has been devastated”.

Tourinho points out: “We have a great scientific capacity installed in the region. Our universities and research institutes are internationally competitive, but they are underfunded and do not realize their full potential. With the right support, we can create conditions for the conservation of our natural resources and we can develop products with high added value. With investment in science and commitment to local populations and the environment, the Amazon can build a new and promising development cycle”.

**Development must be built with the protagonism of the Amazonian people and with an internalization of the benefits of these projects**



SIDNEY OLIVEIRA - O LIBERAL



## A look into the future of the “forgotten pieces”

Scientific knowledge is important to help small farmers in the region to generate wealth. Anacleto Pantoja Quaresma, 45, was born and raised in Igarapé-Miri, northeast of Pará, and says that the Amazon must be preserved. “This is where we survive. We created an association that aims to preserve the environment, rivers, streams and riparian forests. But it is also necessary to have more support from the government, with financing, garden projects, for example”, he ponders. The producer would like his children to be able to start and complete their studies in the community, without having to go to the city in search of training. “Chasing that, you end up having an experience that is out of your reality. If there were a school here, on our own river, up to high school, it would be great”. Givanildo de Jesus Guimarães, 46, also born and raised in Igarapé-Miri, agrees with him. “It is a blessed region, very rich and fertile. We have everything here. What is needed is to know how to take advantage of what we have, to value it more. Preserving the environment”, says Guimarães, who earns a living as a cocoa producer.

Miles from the forests of Igarapé-Miri, sitting at the door of her house, with the sumptuous Guajará bay in the background, 50-year-old Ana Cláudia Beltrão lives another reality, but agrees that she shares the same challenges as Givanildo and Anacleto. She has lived for seven years in Vila da Barca, the urban agglomeration that is considered the largest stilted neighborhood in Latin America, and is located in the capital of Pará, the city of Belém.

“In this environment, we have several qualities. It depends on what we want to take out for us”, she asserts. “From here, we have a livelihood, there is a play area. At that time of the pandemic, as I couldn’t be out, this was our beach. It was our leisure area. Children run, play. Adults play among the children”, looking at the horizon. Ana Cláudia would like the governors to look more into the community. “When they want this voting business, they just show what is on the outside. What’s inside, that’s what we live, they don’t pay attention, they don’t look at us. Got it? At election time, come here. But when they win, they forget about this piece they saw. That’s the difficult”.

**Residents of the region emphasize that projects need to get off the drawing board to benefit the local population**

**Anacleto** Quaresma, de 45 anos, acredita que potencial e melhor uso das riquezas podem gerar mais benefícios para ribeirinhos

**Anacleto** Quaresma, 45, believes that potential and better use of the riches can generate more benefits for riverside people

## Um olhar pelo futuro dos “pedaços esquecidos”

O conhecimento científico é importante para ajudar pequenos agricultores da região a gerarem riquezas. Anacleto Pantoja Quaresma, 45 anos, nasceu e se criou em Igarapé-Miri, no nordeste do Pará. Ele, que vive da agricultura familiar, diz que a Amazônia deve ser preservada. “É daqui que a gente sobrevive. Criamos uma associação que tem o objetivo de preservar o ambiente, os rios, igarapés, as matas ciliares. Mas é preciso também ter mais apoio do governo, com financiamentos, projetos de hortas, por exemplo”, pondera. O produtor gostaria que os seus filhos pudessem começar e concluir os estudos na comunidade, sem ter que ir para a cidade em busca de formação. “Atrás disso, se acaba tendo uma vivência fora de sua realidade. Se estivesse uma escola aqui, no nosso próprio rio, até o ensino médio, seria ótimo”. Concorda com ele Givanildo de Jesus Guimarães, 46, também nascido e criado em Igarapé-Miri. “É uma região abençoada, muito rica e fértil. Temos tudo aqui. Falta saber aproveitar o que temos, valorizar mais. Preservando o ambiente”, diz o Guimarães, que ganha a vida como produtor de cacau.

A quilômetros das matas de Igarapé-Miri, sentada à porta de sua casa, e tendo, ao fundo, a imponente baía do Guajará, Ana Cláudia Beltrão, de 50 anos, vive outra realidade, mas

concorda que partilha dos mesmos desafios de Givanildo e Anacleto. Ela mora há sete anos na Vila da Barca, o aglomerado urbano que é considerado o maior bairro sobre palafitas da América Latina, e está situado na capital paraense, Belém.

“Nesse ambiente, a gente tem várias qualidades. Depende do que a gente vai querer tirar isso para nós”, assevera. “Daqui, a gente tem o sustento, tem área de lazer. Nessa época da pandemia, como não podia estar fora, aqui foi a nossa praia. Foi a nossa área de lazer. As crianças correm, brincam. Os adultos brincam no meio das crianças”, mira o horizonte.

Ana Cláudia gostaria que as autoridades olhassem mais para dentro da comunidade. “Quando eles querem esse negócio de votação, mostram só o que é por fora. O que está por dentro, que é isso que nós vivemos, não prestam atenção, não olham para nós. Acabam esquecendo desse pedaço que eles vieram. Aí é difícil”.

**Moradores da região reforçam que projetos precisam sair do papel para beneficiar população local**



IGOR MOTA - O LIBERAL

**Ana** Cláudia Beltrão, de 50 anos, moradora da Vila da Barca, em Belém: região precisa de maior atenção e políticas públicas

**Ana** Cláudia Beltrão, 50, resident of Vila da Barca, in Belém: region needs more attention and public policies

### CONTEÚDO MULTIMÍDIA

Use um leitor de QR Code para acessar o conteúdo multimídia com vídeo, imagens e podcast.

### MULTIMEDIA CONTENT

Use a QR Code reader to access the multimedia content with video, images, and podcast.



FOTOS: IGOR MOTA - O LIBERAL

## “A Amazônia não fala por si”, diz pesquisadora

“A Amazônia não fala por si. Quem fala por ela são os povos que a habitam”. Com essa frase, a antropóloga, pesquisadora e professora da Universidade Federal do Pará (UFPA), Jane Beltrão, resume: para falar da Amazônia, é necessário que tudo seja colocado no plural, por conta da diversidade. “Em cada canto, as pessoas que vivem nesses lugares são diferenciadas. Nós temos um tratamento histórico da Amazônia que é muito colonial. E nesse sentido, é importante considerar os povos originários, porque, como eles dizem em suas manifestações, eles estavam aqui antes da invasão europeia”. A historiadora afirma que o tratamento dispensado aos povos da Amazônia ao longo do tempo sempre foi desigual, desde o período do Brasil Colônia, entre os séculos XVI e XIX, com a chegada ao território amazônico. Com eles, os portugueses trouxeram também conflitos e doenças que deixaram milhares de nativos mortos. Desde então, ao longo de todos os períodos da história da região, os povos da Amazônia precisaram resistir, destaca a pesquisadora. A antropóloga, que chegou a trabalhar na Fundação Nacional do Índio (Funai) durante o regime militar (1964-1985), relata que mesmo na história recente, povos tradicionais ainda sofreram ataques. Ela afirma

que muitos casos de morte e tortura de indígenas não chegavam nem a ser registrados, por causa da censura. Obras de logística para a região, que ajudaram a reforçar a ocupação da região e apoiaram o setor produtivo, também acabaram impulsionando o desmatamento, como é o caso da rodovia Transamazônica, de quase 6 mil quilômetros de extensão. Segundo a professora, mesmo após a redemocratização do Brasil, em 1988, com a nova constituinte e a volta de eleições diretas, poucas mudanças nesse tratamento foram notadas, diz a professora Jane Beltrão. E mesmo com os avanços, muitas questões deixaram de ser abordadas pelos governantes, como a demarcação de terras para usufruto dos povos que já viviam ali anteriormente. “Na história recente, houve uma diferença de políticas públicas, mas as demarcações de terras indígenas, que deveriam ter sido feitas até 1975, não ocorreram. A Constituição deu outro prazo, que também não foi cumprido. Há uma quantidade enorme de terras não reconhecidas. E esse reconhecimento é importante. Não basta que esse território seja identificado, é preciso, pelo direito hegemônico, que ele seja reconhecido e registrado em cartório. A diversidade na Amazônia, sobretudo das pessoas, precisa ser preservada”, assevera Jane Beltrão.



**Desigualdade social e visão deturpada da região pelo olhar “de fora” são problemas históricos**



A antropóloga Jane Beltrão afirma que, para falar da Amazônia, é necessário levar em conta a diversidade

**Anthropologist** Jane Beltrão says that, in order to talk about the Amazon, it is necessary to take diversity into account



## “The Amazon does not speak for itself”, says the researcher

“The Amazon does not speak for itself. It is the peoples who inhabit it that speak for it”. With this sentence, anthropologist, researcher and professor at the Federal University of Pará (UFPA), Jane Beltrão, summarizes: to talk about the Amazon, it is necessary to put everything in the plural, because of its diversity. “In every corner, the people who live in these places are different. We have a historical treatment of the Amazon that is very colonial. And in this sense, it is important to consider the original peoples, because, as they say in their manifestations, they were here before the European

invasion”. The historian affirms that the treatment given to the Amazonian peoples throughout time has always been unequal, since the Colonial Brazil period, between the 16th and 19th centuries, when they arrived in the Amazon territory. With them, the Portuguese also brought conflicts and diseases that left thousands of natives dead. Since then, throughout all periods of the region’s history, the Amazon people have had to resist, says the researcher. The anthropologist, who worked at the National Indian Foundation (Funai) during the military regime (1964-1985), reports that even in recent history, traditional peoples have still suffered attacks. She

says that many cases of death and torture of indigenous people were not even registered, because of censorship. Logistical works for the region, which helped reinforce the occupation of the region and supported the productive sector, also ended up boosting deforestation, as is the case of the Transamazon highway, almost 6 thousand kilometers long. According to the professor, even after the re-democratization of Brazil in 1988, with the new constituent and the return of direct elections, few changes in this treatment were noticed, says Professor Jane Beltrão. And even with the advances, many issues have not been addressed by the rulers, su-

ch as the demarcation of lands for the enjoyment of the peoples who already lived there previously. “In recent history, there was a difference in public policies, but the demarcation of indigenous lands, which should have been done by 1975, did not occur. The Constitution gave another deadline, which was also not met. There is a huge amount of unrecognized land. And this recognition is important. It is not enough that this territory be identified, it is necessary, according to hegemonic law, that it be recognized and registered in a notary’s office. The diversity in the Amazon, especially of the people, needs to be preserved”, asserts Jane Beltrão.

**Social inequality and the distorted view of the region from the “outside” are historical problems**

## Amazônia: uma história sob o olhar dos povos originários

### OCUPAÇÃO

O livro “A floresta habitada: História da ocupação humana na Amazônia”, de Jakeline Pereira e Tatiana Corrêa Veríssimo, defende que a ocupação da Amazônia começa quando imigrantes asiáticos chegam ao vale do Amazonas, há mais de 14 mil anos, momento em que sociedades indígenas emergiram na região.

### BRASIL COLÔNIA

No século 16, com a chegada de portugueses à região, através do rio Amazonas, iniciaram-se os conflitos por terras, riquezas naturais, como o ouro e minério. Várias doenças foram trazidas. Povos indígenas tiveram populações reduzidas ao longo dos anos.

### REGIME MILITAR

De 1964 a 1985, a ocupação dos territórios indígenas na Amazônia cresceu. Com isso também os conflitos na região. Foi construída a Rodovia Transamazônica, com grande impacto para o bioma.

### AINDA HOJE

A Constituição de 1988 incluiu direitos dos índios, com preceitos que asseguram o respeito à organização social, aos costumes, línguas, crenças e tradições. Demarcações de terras e políticas afirmativas são estabelecidas, como cotas no ensino público para indígenas.

## Amazon: a history through the eyes of the original people

### OCCUPATION

The book “The inhabited forest: History of human occupation in the Amazon”, by Jakeline Pereira and Tatiana Corrêa Veríssimo, defends that the occupation of the Amazon begins when the asian immigrants arrives in the Amazonas vale, plus 14 thousand years ago, moment when the indigenous society emerged on the region.

### COLONIAL BRAZIL

In the 16th century, with the arrival of the Portuguese to the region, through the Amazonas river, the land and natural wealth (gold and minerals) conflicts began. Lots of diseases were brought. Indigenous peoples had their populations drastically reduced throughout the years.

### MILITARY DICTATORSHIP

From 1964, to 1985, the exploitation of indigenous territories in the Amazon grew. Alongside with it, the conflicts in the region. The Transamazonica Road was built, with a big impact to the biome.

### NOWADAYS

The 1998 Constitution included indigenous peoples rights, with assurance concepts about social organization, culture, language, faith and traditions. Landmarks and affirmative actions were established, such as special spots in the public education system for the indigenous peoples.